

CACAUWAY: ENTRE A FLORESTA E O MUNDO

GISELLE DA COSTA ARAUJO

FEA/USP - FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DA USP

GRAZIELLA MARIA COMINI

ROSA MARIA FISCHER

JULIANA RODRIGUES

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Introdução

A Cacauguay é uma cooperativa amazônica que transforma o cacau em chocolates finos, conciliando geração de renda local, preservação da floresta e inserção no mercado global. O caso apresenta os dilemas de um negócio de impacto social que busca escalar sem perder o vínculo comunitário e o propósito socioambiental. O caso de ensino tem o objetivo de estimular a análise crítica sobre os desafios de crescimento em negócios de impacto no contexto da bioeconomia amazônica, destacando o papel do cooperativismo e da inovação como caminhos para equilibrar propósito e sustentabilidade financeira.

Fundamentação e Discussão

O objetivo do caso de ensino é estimular os estudantes a analisarem estratégias de crescimento em negócios de impacto, discutindo como equilibrar sustentabilidade financeira e manutenção do propósito socioambiental. Busca-se fomentar a reflexão crítica sobre escalonamento, inovação e cooperativismo no contexto da bioeconomia amazônica, incentivando a construção de soluções que considerem simultaneamente mercado, comunidade e floresta.

Conclusão

A Cacauguay ilustra os dilemas de negócios de impacto ao equilibrar crescimento e missão social. Além de entraves como licenciamento do Incra, enfrenta limitações logísticas e institucionais, a necessidade de investimentos e de ter certificações, o que pode gerar tensões internas e externas. O caso permite refletir sobre estratégias de escalonamento que preservem valores comunitários, conciliando expansão com sustentabilidade socioambiental.

Referências

BOECHAT, C. A.; MOURA, D. D.; MARQUES, F. B. S. Negócios de impacto socioambiental. Fundação Telefônica Vivo, 2020. BRASIL 61. Histórias exportadoras: fábrica de chocolate da Amazônia. 2024. COMINI, G.; BARKI, E.; AGUIAR, L. T. Negócios sociais e inovação social. RAE, 2012. COMINI, G. et al. SEKN Protocol - Cacauguay. FGV, 2022. RIDDELL, D.; MOORE, M.-L. Scaling Impact. Palgrave, 2015. SINGER, P. Introdução à economia solidária. 2002. FARIA, K. F.; ROCHA, M. D. G. Cooperativismo e economia solidária. RAP, 2015. SCHWARTZMAN, S. et al. Bioeconomia e Amazônia. Estudos Avançados, 2020.

Palavras Chave

negócios de impacto, cooperativismo, Amazônia

Agradecimento a órgão de fomento

As autoras agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo apoio ao desenvolvimento da pesquisa que originou este caso de ensino, e ao grupo de pesquisa SEKN - Social Enterprise Knowledge Network, pela disponibilização de dados, entrevistas e análises que fundamentaram a construção do material. O presente trabalho integra atividades de formação acadêmica fomentadas no âmbito do programa de pós-graduação.

CACAUWAY: ENTRE A FLORESTA E O MUNDO

RESUMO

A Cacaúway é uma marca de chocolates produzidos por agricultores familiares da Amazônia, que fazem parte da Coopatrans, uma cooperativa de impacto socioambiental sediada em Medicilândia, no Pará. Após conquistar reconhecimento regional por seu modelo de produção sustentável e comunitário, a cooperativa se vê diante do dilema de expandir para o mercado internacional sem comprometer sua missão social e a governança democrática. O estudo tem o objetivo de trazer uma reflexão sobre estratégias de crescimento com impacto, escalonamento de inovações sociais e os desafios de preservar valores em processos de profissionalização e internacionalização.

Palavras-chave: negócios de impacto socioambiental; cooperativismo; escalonamento de impacto; bioeconomia; Amazônia.

INTRODUÇÃO

A Cacaaway é uma marca de chocolates produzidos por agricultores familiares da Amazônia, vinculados à Cooperativa Agroindustrial da Transamazônica (Coopatrans), em Medicilândia (PA). Criada como alternativa de agregação de valor ao cacau cultivado na região, a fábrica representa a primeira iniciativa *tree to bar* liderada por agricultores na Transamazônica, articulando produção, industrialização e comercialização. Desde sua fundação, a cooperativa adota práticas sustentáveis e de economia solidária (Singer, 2002), promovendo renda, conservação ambiental e fortalecimento da cultura local.

O empreendimento surgiu como resposta a um contexto de desafios sociais, econômicos e ambientais vividos pelas comunidades da Transamazônica, onde agricultores enfrentaram ausência de infraestrutura, precariedade de políticas públicas e insegurança fundiária. Nesse cenário, a Coopatrans, formada por famílias de agricultores, estruturou-se como resposta coletiva e como alternativa de resistência e regeneração territorial, apostando na bioeconomia (Schwartzman et al., 2020) e no cooperativismo (Singer, 2002) valorizando práticas agroecológicas, solidariedade e trabalho coletivo, como estratégias de desenvolvimento local.

A Cacaaway consolidou sua presença no mercado regional e conquistou espaço em eventos regionais voltados à sustentabilidade e ao empreendedorismo social. Contudo, o crescimento trouxe à tona dilemas estratégicos: enquanto parte dos cooperados defende investir na industrialização e no fortalecimento da marca, outros preferem vender amêndoas de cacau in natura, favorecidos pela alta histórica do preço internacional do produto em 2024/2025. Essa tensão interna se soma a desafios externos, como a concorrência de marcas estabelecidas (Dengo, Amma, Mission Chocolate), a necessidade de certificações e a busca por diferenciação em um mercado cada vez mais competitivo.

Este trabalho apresenta o caso da Cacaaway, discutindo seus dilemas de escalabilidade e sustentabilidade, à luz da literatura sobre negócios de impacto (Comini, Barki & Aguiar, 2020), cooperativismo (Singer, 2002), escalonamento de impacto (Riddell & Moore, 2015) e bioeconomia amazônica (Schwartzman et al., 2020).

FUNDAMENTAÇÃO

Histórico da Coopatrans no contexto da Transamazônica

A história da Coopatrans está ligada ao processo de colonização da Amazônia Legal nos anos 1970, quando o regime militar abriu a Rodovia Transamazônica (BR-230) e lançou projetos de assentamento sob o lema “integrar para não entregar”. Promessas de progresso e terras férteis se frustraram diante da falta de infraestrutura, assistência técnica e políticas consistentes. A lógica desenvolvimentista desconsiderou as especificidades ambientais e sociais da região, impondo desmatamento, isolamento e insegurança fundiária.

Com o recuo do Estado, a sobrevivência passou a depender da organização comunitária. A Coopatrans nasce nesse contexto, nos anos 1990, como articulação de famílias agricultoras em torno de solidariedade, defesa do território e da floresta em pé. Mais do que escoar produção, tornou-se espaço de autoestima coletiva, valorização de saberes locais e contestação ao modelo excludente. Estudos da SEKN confirmam que a Transamazônica seguiu uma lógica produtivista

que negligenciou as especificidades socioterritoriais, levando agricultores a se organizarem de forma autônoma (Comini et al., 2022).

A cooperativa consolidou-se com base em práticas de mutirão, partilha de saberes e agroecologia, transformando exclusão em potência política. Representa hoje um projeto alternativo de sociedade, no qual desenvolvimento significa bem viver, autonomia e enraizamento territorial.

Missão, valores e práticas sustentáveis

Em 2014, a Coopatrans criou a Cacauway para agregar valor ao cacau amazônico e fortalecer a economia da floresta em pé. Primeira marca *tree to bar*ⁱ do Pará, integra todas as etapas da produção, do cultivo ao chocolate, com rastreabilidade e identidade territorial. Adota sistemas agroflorestais, práticas agroecológicas e um protocolo rigoroso de qualidade.

Sua missão é industrializar e comercializar chocolates de alto padrão com impacto socioambiental positivo, preservando a biodiversidade, garantindo renda e protagonismo comunitário. Apesar de desafios como logística precária e capital de giro limitado, tornou-se símbolo de transformação e referência em políticas públicas voltadas ao cacau.

Modelo de negócios: cooperativismo como base para um empreendimento regenerativo

O modelo da Cacauway se ancora nos princípios do cooperativismo e da economia solidária (França Filho & Laville, 2004): autogestão, deliberação em assembleias e distribuição equitativa dos excedentes. Os 40 cooperados são agricultores que decidem coletivamente sobre investimentos e estratégias. Parte dos recursos financia capacitações e fundos de solidariedade; outra parte é reinvestida na própria fábrica.

Com capacidade de processar 40 toneladas de chocolate ao ano, a Cacauway faturou cerca de R\$ 1,3 milhão em 2023–2024. A perspectiva é ampliar esse valor com apoio da ApexBrasil e exportações para os Estados Unidos, além da expansão para outras cidades e regiões do Brasil.

Parcerias com ONGs, empresas e governo: alicerces para o impacto

A consolidação da Cacauway só foi possível graças a parcerias com ONGs, governo e empresas privadas. Organizações da sociedade civil ofereceram capacitação em agroecologia e qualidade das amêndoas; empresas e programas como a ApexBrasil abriram acesso a mercados; e o governo estadual apoiou via iniciativas como o “Floresta em Pé”.

O Sebrae desempenha papel estratégico na qualificação para exportação, enquanto fundos e plataformas como PPA, Fundo Vale e SITAWI aportaram capital e assistência técnica. Essas conexões criaram um ecossistema de apoio fundamental para a profissionalização e expansão do negócio.

Desafios estratégicos: entre o propósito e a escala

- Crescimento versus missão social: expandir para grandes centros e mercados internacionais exige profissionalização e investimentos, mas pode fragilizar a governança participativa e os valores comunitários.
- Limitações estruturais: entraves fundiários, falta de sistema de gestão integrado e carência de pessoal qualificado dificultam a escalabilidade.

- Investimento e certificações: selos sanitários e de origem ainda são barreiras de custo elevado, apesar do apoio do Sebrae.
- Concorrência e paradoxos: o mercado *bean-to-bar*ⁱⁱ cresce com marcas como Dengo e Amma; a Cacauey é ao mesmo tempo fornecedora e concorrente, o que intensifica dilemas sobre consolidar sua marca própria ou manter-se como produtora de amêndoas.

Conclusão

A trajetória da Cacauey revela como negócios de impacto na Amazônia podem avançar em múltiplas dimensões de escalonamento, equilibrando crescimento econômico, conservação ambiental e fortalecimento comunitário.

Sob a lente de Riddell e Moore (2015), a experiência evidencia três movimentos complementares:

O escalonamento horizontal ocorre na expansão para novos mercados, especialmente a preparação para exportar aos Estados Unidos com apoio da ApexBrasil, bem como nas parcerias com comunidades amazônicas e indígenas. Trata-se da difusão geográfica do modelo, replicando práticas de valor agregado ao cacau em outros territórios.

O escalonamento vertical se manifesta nas conexões institucionais e políticas em curso. Embora ainda incipiente, a inserção em programas de qualificação para exportação já posiciona a Cacauey em estruturas formais de fomento, abrindo possibilidades de influenciar diretrizes sobre bioeconomia, rastreabilidade e desenvolvimento regional.

Por fim, o escalonamento em profundidade é visível na transformação de valores e narrativas sobre a Amazônia. Ao associar o cacau local a produtos de excelência e criar experiências como a Rota Turística “Do Cacau ao Chocolate” (Pará Terra Boa, 2024), a cooperativa fortalece identidades valoriza a cultura amazônica e empodera novos atores sociais, como mulheres e povos indígenas (Furlaneto, 2024), conectando inovação social (Murray et al., 2010) a processos de mudança cultural.

Assim, a Cacauey demonstra que negócios comunitários podem articular simultaneamente escalonamento horizontal, vertical e em profundidade, configurando-se como um exemplo de estratégia concreta para transitar de modelos extrativistas para um paradigma de bioeconomia regenerativa (Schwartzman et al., 2020). Mais do que crescimento de mercado, trata-se de escalar impacto em múltiplas dimensões, ampliando o alcance, influenciando instituições e transformando narrativas culturais sobre a floresta e seus povos.

Referências

BRASIL 61. Histórias Exportadoras: primeira fábrica de chocolate da Amazônia está pronta para exportar com apoio da ApexBrasil. *Brasil 61*, Brasília, 30 set. 2024. Disponível em: <https://brasil61.com/n/historias-exportadoras-primeira-fabrica-de-chocolate-da-amazonia-esta-pronta-para-exportar-com-apoio-da-apexbrasil-apex240041>.

Comini, G., Barki, E., & Aguiar, L. T. (2020). *Negócios de impacto socioambiental no Brasil: Um panorama*. Peirópolis.

Comini, G., et al. (2022). *Relatório SEKN – Cacauway: da floresta para o mundo* [Documento interno, uso acadêmico].

França Filho, G. C. de, & Laville, J.-L. (2004). *Economia solidária: Uma abordagem internacional*. Cortez.

Furlaneto, V. (2024, 19 de junho). As mulheres indígenas da floresta amazônica que produzem chocolate. *Exame*. <https://exame.com/brasil/as-mulheres-indigenas-da-floresta-amazonica-que-produzem-chocolate/>

Murray, R., Caulier-Grice, J., & Mulgan, G. (2010). *The open book of social innovation*. NESTA/The Young Foundation. <https://youngfoundation.org>

Pará Terra Boa. (2024, 24 de maio). Rota turística valoriza cadeia produtiva do cacau e do chocolate na região da Transamazônica e Xingu. *Pará Terra Boa*. <https://www.paraterraboa.com/economia/rota-turistica-valoriza-cadeia-produtiva-do-cacau-e-do-chocolate-na-regiao-da-transamazonica-e-xingu/>

Riddell, D., & Moore, M.-L. (2015). *Scaling out, scaling up, scaling deep: Advancing systemic social innovation and the learning processes to support it*. J.W. McConnell Family Foundation; Tamarack Institute.

Schwartzman, S., et al. (2020). Bioeconomia e Amazônia: Desafios e caminhos para o desenvolvimento sustentável. *Estudos Avançados*, 34(99), 109–128. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.007>

Singer, P. (2002). *Introdução à economia solidária*. Fundação Perseu Abramo.

ⁱ O termo *tree to bar* refere-se a um modelo de produção de chocolate em que todas as etapas — desde o cultivo do cacau (*tree*) até a fabricação da barra de chocolate (*bar*) — são integradas e controladas por um mesmo produtor ou organização. Essa abordagem busca garantir rastreabilidade, identidade territorial, maior valor agregado à matéria-prima e qualidade diferenciada do produto. (*European Market Potential for Tree-to-Bar Chocolate*, CBI, 2022)

ⁱⁱ Embora frequentemente associados, os conceitos *bean to bar* e *tree to bar* possuem diferenças importantes. O primeiro refere-se a produtores que comprem amêndoas de cacau já fermentadas e secas e controlam o processo de fabricação do chocolate artesanal (*bean* → *bar*). Já o segundo implica integração vertical completa, em que o mesmo produtor ou cooperativa conduz todas as etapas: cultivo, colheita, fermentação, secagem, processamento e fabricação da barra (*tree* → *bar*). Assim, todo *tree to bar* é também *bean to bar*, mas nem todo *bean to bar* é *tree to bar* (CBI, 2022).